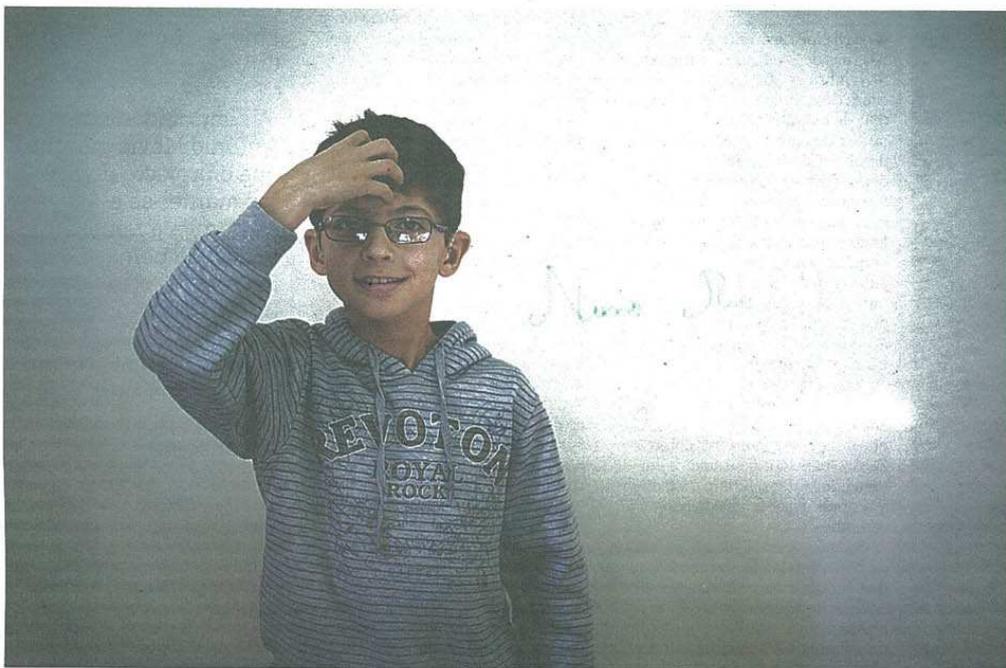


# Os 21 especiais



● O teste de Matemática vai começar em minutos e a professora Manuela Sarmento, de Educação Especial, dirige-se à turma do 4.º ano da Escola Básica Conde de S. Cosme, em Famalicão. “O que é preciso é...”, diz em voz alta. Depois, movimenta as duas mãos, para trás e para a frente, de cada lado do rosto. A turma dá a resposta esperada: o que é preciso é “ATENÇÃO”, respondem as crianças em coro. Entre os 21 meninos há quatro crianças surdas. Para que a inclusão seja uma realidade, a turma está a aprender Língua Gestual Portuguesa desde o 1.º ano e a experiência é descrita por todos como um sucesso que até já deu um livro - ou melhor, três.

Na véspera houve ficha de Português e os resultados não foram famosos. Antes de avançarem para o teste de Matemática, a professora questionara a turma, por gestos, sobre a reacção dos familiares das crianças às notas. “Os pais ficaram felizes?”, pergunta. Eles respondem que não e, sempre por gestos, explicam que ficaram “tristes” e “zangados”. Entretanto, é a vez de a professora Paula Azevedo retomar as rédeas da sala. Lê o enunciado devagar, enquanto a professora Manuela traduz as suas palavras em gestos, junto a

Hélder, um dos meninos surdos da turma. Quando a professora de Educação Especial tem de deixar a sala por uns minutos, a tarefa é rapidamente assumida por Sofia, que recorre a gestos expressivos para traduzir o que ouve ao colega do lado.

A Sofia e o Hélder são dois dos meninos surdos da turma, assim como o Nuno Rafael e a Daniela, que está a faltar ao teste por causa de uma consulta médica. Os quatro são surdos, mas já ouvem alguma coisa. O Hélder e a Daniela fazem-no graças a um implante coclear, a Sofia e o Nuno têm uma prótese. Ainda assim, aquilo que ouvem não é o mesmo que os colegas sem problemas auditivos. Foi o que lhes mostrou a todos um especialista que um dia foi à escola e fez uma experiência, revelando-lhes as diferenças.

“O som que ouvem é mais metálico. Na verdade, é um som horrível, completamente distorcido. Eles têm a percepção do som, mas é algo completamente diferente do que nós ouvimos”, explica a professora Paula Azevedo, que lecciona há 25 anos e nunca, antes de lhe ser entregue esta turma, há quatro anos, tinha ensinado uma criança surda. Hoje, a sua sala de aulas é a sala de uma equipa multidisciplinar: duas

professoras do Ensino Especial, uma professora de Língua Gestual e uma terapeuta da fala.

Não há atropelos, e a oralidade e os gestos entrecruzam-se com normalidade. Paula não esconde que descobriu que ia ter crianças surdas na sua turma foi um choque. “Eu já tinha trabalhado com meninos com outro tipo de problemas, mas em relação à surdez estava a zero, não sabia nada. Uma semana antes do início das aulas soube que ia ter esta turma e fiquei em pânico.”

O medo e a preocupação não foram só dela. “Foi um medo generalizado”, refere Paula. Manuela, por seu lado, relembra que alguns pais das crianças ouvintes manifestaram receio que a presença dos colegas surdos pudesse atrasar o normal funcionamento das aulas, afectando os seus filhos. Já os familiares dos meninos surdos temeram que pudesse haver alguma dificuldade de inclusão, alguma rejeição. “Nota alguma diferença entre eles? Não, pois não? Correu tudo tão bem. Somos uma família, parece que foi tudo escolhido a dedo. Os pais estão sempre em contacto uns com os outros, as professoras são espectaculares, os meninos dão-se todos bem. Estamos sempre a

ajudar-nos uns aos outros e somos muito unidos”, diz hoje Maria do Sameiro, 39 anos e mãe do Hélder.

## Amigos novos

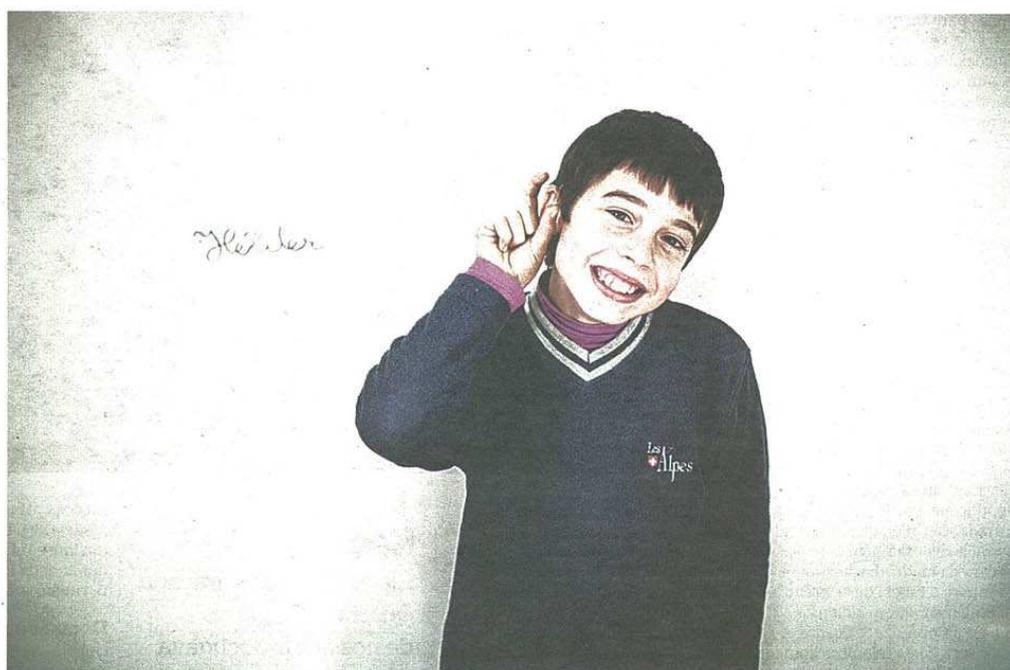
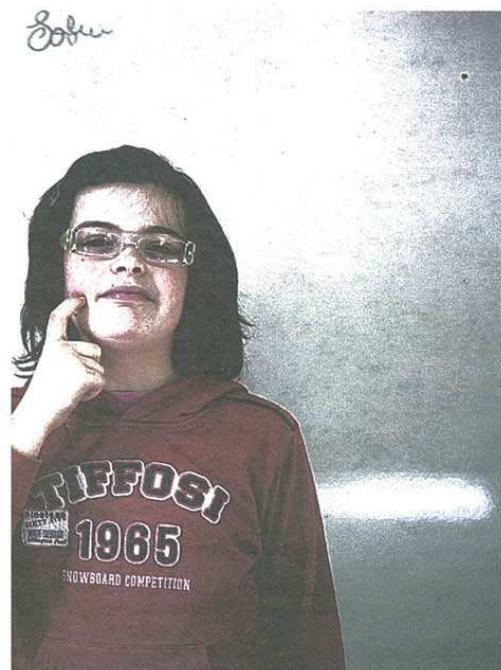
No início houve uma reunião. Explicou-se que aquela turma seria diferente das outras e que contaria, por isso, com apoio especial. Por não ser esta a escola de referência para crianças surdas - essa fica em Braga - foi preciso pedir o apoio da câmara e é a câmara que paga o trabalho de Alexandrina, a formadora surda de Língua Gestual. Os meninos foram avisados em casa que teriam uma turma um pouco diferente. Diogo relembra como foi: “Antes de vir para a escola estava nervoso. A minha mãe disse que ia ter amigos novos, amigos que não eram iguais a mim, que tinham problemas de surdez. Mas não soube explicar muito bem o que isso era.” Gonçalo, óculos encavalitados no nariz, completa: “O meu pai explicou-me que íamos aprender uma língua nova. Eu pensava que era igual à nossa. Não sabia que seria feita com as mãos, mas foi fácil aprender.”

Hoje, o Gonçalo usa a língua gestual com desenvoltura. Muitos dos seus colegas também o fazem. A professora Paula brinca dizendo que os alunos se metem com ela

por não “falar” tão bem quanto eles e admite que às vezes até lhes pede ajuda para traduzir alguma conversa. Para os miúdos, comunicar por gestos tornou-se tão natural que - confessam alguns - às vezes até se esquecem e fazem-no em casa. Na escola, fora da sala de aula, recorrem aos gestos para comunicar, às vezes, no recreio, quando não estão à distância da voz. Mariana gosta de falar por gestos com a irmã mais nova, que tem a síndrome de Down. Gonçalo usa os gestos, às vezes, para comunicar com a irmã de dois anos e meio. “Entende tudo o que lhe quero dizer assim”, garante o rapaz. Ninguém se queixa por ter uma matéria extra para aprender e as vantagens saltam das bocas dos miúdos, durante o intervalo da aula. “É bom saber língua gestual, porque assim ficamos com mais amigos”, diz o Pedro. O Gonçalo explica: “Se um dia mais tarde encontrar uma pessoa surda, já sei comunicar com ela.” A Mariana acrescenta: “É bom, porque aprendemos mais línguas e conseguimos comunicar com mais pessoas.”

Com um grande laço cor-de-rosa na cabeça, a Mariana é apanhada, durante o teste, a comunicar por gestos com outros colegas. A professora Paula chama-lhe a

Na Escola Básica Conde de S. Cosme, em Vila Nova de Famalicão, há uma turma com quatro meninos surdos. A solução foi ensinar a língua gestual aos 17 ouvintes. Professores, familiares dos alunos e crianças não podiam estar mais satisfeitos com os resultados. E há um livro à venda a prová-lo. Por Patrícia Carvalho (texto) e Paulo Pimenta (fotografia)



“

O meu pai explicou-me que íamos aprender uma língua nova.

Eu pensava que era igual à nossa.

Não sabia que seria feita com as mãos,

mas foi fácil aprender

Gonçalo

”

atenção, enquanto sorri à socapa. “Está a copiar por gestos. Vai ser bonito, quando forem para outra escola e os professores não se aperceberem do que estão a fazer...” Para a Mariana, todo o contexto da turma em que está inserida é ainda mais especial, porque também ela tem problemas de audição.

Já foi operada duas vezes aos ouvidos, uma quando tinha quatro anos, a outra recentemente, depois de aos dois anos ter começado a apresentar problemas. “A minha mãe chamava-me duas ou três vezes e eu não ouvia.” Diz que conviver com meninos surdos na sala de aula a deixou “mais calma” em relação ao problema que enfrentava e com uma criança com síndrome de Down em casa não foi nada difícil conviver com outra diferença. “Quando vim para a escola, disseram-me que ia ter colegas surdos, que era mais ou menos como ter colegas como a minha irmã, mas com perda de audição”, diz.

A professora Paula, pelas mãos de quem já passaram tantas crianças, nota nesta turma algo de diferente. “A nível comportamental não há comparação. São muito mais abertos às necessidades dos outros e têm um grau de sensibilidade muito mais

desenvolvido. E não só entre eles. Há aqui na escola uma turma do 1.º ano que tem um menino autista. Automaticamente, foi adoptado por eles. Com uma menina com paralisia cerebral foi a mesma coisa, até a trazem para a sala. Ao menino autista já ensinaram as letras todas da Língua Gestual!”

Na sala de aula, a professora chama discretamente a atenção para o exemplo prático do que acabou de descrever. Toca para o intervalo, o teste é posto temporariamente de lado, e o Nuno prepara-se para sair. Nuno não é surdo, mas sofre de distonia muscular grave e foi operado há poucas semanas. Sem que seja preciso alguém pedir, o colega do lado ajuda-o a arrumar as coisas no estojo. “É sempre assim”, diz a professora Paula, lembrando que o dia da cirurgia do colega foi, para o resto da turma “um dia perdido”. Queriam saber os pormenores do que estava a acontecer na sala de operações ao minuto. “Não é preciso pedir nada a ninguém. Habitaram-se a organizam-se entre eles para prestar o apoio necessário.”

Para que esse acto seja tão natural hoje poderá ter contado uma regra instituída na sala desde o primeiro momento – todas as semanas os alunos mudam de

lugar. As professoras ficam um bocado baralhadas, procurando em determinada cadeira o aluno que ali se sentava na semana anterior, mas que já saltou para outro lado qualquer. A pedido de Paula, a Iris começa a explicar o objectivo destas mudanças: “Todas as semanas trocamos de lugar porque...” Engasga-se e é o colega Diogo que termina a frase: “Para sermos mais unidos, mais amigos.” Também desde o primeiro dia, os meninos começaram a desenvolver um porta-fólio pessoal, onde colocam todas as fichas informativas sobre língua gestual e todas as actividades em que participam. E aqui chegamos ao livro que fez a turma saltar para as páginas de jornais.

Chama-se *O Jardim Secreto dos Sons* e, depois de ter sido lançado em Novembro, vai já na 2.ª edição de 500 exemplares. Este é já o terceiro livro que a turma produz, mas foi o primeiro a ser comercializado e a saltar os muros da escola. O método de produção foi simples: todos os fins-de-semana, uma criança levava para casa o que já tinha sido escrito; a primeira criança fez a capa e criou a personagem principal, a Matilde, as crianças seguintes foram acrescentando uma página cada. O trabalho envolveu familiares e

até amigos e vizinhos e revelou-se um sucesso. Cada página tem um desenho, uma frase para dar continuidade à história e a mesma frase contada em língua gestual, através de fotografias da criança responsável – 21 meninos, 21 páginas.

#### Conter as lágrimas

Terminado o teste, a professora Manuela prepara-se para contar algo à turma. Sempre em língua gestual. Faz os gestos e eles repetem, em voz alta. O resultado final é este: “Ontem, uma professora telefonou-me. Porquê? Por coisas importantes. A nossa história. A professora de Trás-os-Montes vai falar da história à escola toda. Fez um enorme, gigantesco placard, com a Matilde grande, com um arco-íris enorme. Pôs a história em porta-fólio e vai falar dela a meninos deficientes. Contá-la por símbolos. Cada menino vai fazer uma frase sobre a diferença e vão colá-la no arco-íris. Fiquei muito feliz.”

Atenta, a professora Paula comove-se e o facto não passa despercebido à Clara, que aponta: “A professora Paula vai chorar.” Ela consegue conter as lágrimas e chega a vez de Alexandrina intervir. Um a um, pergunta a cada menino como correu o teste

de Matemática – há muitos “mais ou menos” a esvoaçar pelo ar. E pergunta também como correu a ficha do dia anterior, se contaram aos pais sobre os resultados obtidos e como reagiram eles. Um a um, os alunos explicam. O Pedro diz que não contou à mãe, porque estava em casa da avó. O Gonçalo diz que não fez a ficha, porque teve consulta no dentista. Alexandrina instiga-os a estudar. Percebe-se claramente os gestos que está a fazer: “Nada de conversa, estudem.”

### Caso a caso

Alexandrina frequentou uma escola apenas para surdos, enquanto crescia. E vê vantagens nas duas soluções. Pode ser mais fácil encontrar amigos e comunicar quando todos à nossa volta comunicam da mesma maneira e têm a mesma dificuldade, explica. Mas é mais fácil ser incluído no mundo de ouvintes, se nunca se deixou de fazer parte dele, admite.

Na casa de Daniela há os dois exemplos. Os seus pais são surdos-mudos e o seu irmão gêmeo também é surdo. Daniela foi, desde os seis meses, viver com a madrinha, que acabou por a adoptar. Por mais alguns anos, o irmão continuou a viver com os pais. O resultado foi um percurso escolar diferente. Daniela frequentou um infantiário com meninos ouvintes. Quando chegou a hora de ir para a escola, sugeriram que aguardasse mais um ano, porque o irmão estava mais atrasado. O irmão, que entretanto passou a viver também com ela, em casa da madrinha, acabou por ir para a escola de referência em Braga, enquanto a menina foi para a Conde de S. Cosme. A professora Paula relembra com um sorriso o 1.º ano. “Ela era muito engraçada. Quando se fartava de nos ouvir, desligava o aparelho e pronto.” Paula Azevedo reconhece que o irmão de Daniela está mais desenvolvido no domínio da língua gestual, mas refere que está bastante mais atrasado no que diz respeito à fala.

Maria da Conceição, a madrinha de Daniela, que adoptou as crianças, faz o balanço: “A Daniela vai mais adiantada, muito mais que o João, não tem comparação.” Sobre a escola onde a menina anda só tem coisas boas a dizer. “Ela adora, mesmo os professores. E os meninos são todos amigos. Os 21 são todos amigos.”

Ana Serrano, professora associada de Psicologia de Educação e Educação Especial do Instituto de Educação da Universidade do Minho (UM), defende que a inclusão de meninos surdos em turmas de ouvintes é o melhor caminho – mesmo que reconheça que há opiniões diferentes. “É sobretudo uma questão de ética. As crianças têm direito a fazer o mesmo percurso que fariam, se não tivessem problemas. Do ponto de vista da inclusão uma experiência como a de Famalicão é muito mais interessante e deve ser reforçada. Eu tenho algumas dúvidas sobre as escolas de referência, porque não deixam de ser escolas de exclusão. As crianças são deslocadas dos seus contextos comunitários e de vida natural para locais longe, para frequentarem as escolas de referência.”

Ana Bela Baltazar, autora do



Dicionário da Língua Gestual Portuguesa e secretária da direcção da Associação de Surdos do Porto (ASP) defende que a iniciativa da Conde de S. Cosme merece aplauso, já que “tudo o que seja feito em prol da integração e da divulgação da Língua Gestual Portuguesa é de louvar”. Contudo, não é capaz de indicar se a melhor solução para uma criança surda deverá passar pela inclusão numa turma de meninos ouvintes ou pela permanência numa turma exclusivamente de surdos e defende que decidir o percurso escolar destas crianças deveria partir de “uma avaliação de cada caso”, já que “existem inúmeros factores que poderão condicionar o pleno desenvolvimento da criança e a necessidade de adequação da realidade ao caso, como sejam o suporte familiar, o grau de surdez, o nível da oralidade, a estimulação mais ou menos precoce, entre outros”.

Ainda assim, salienta: “Vivendo nós numa sociedade maioritariamente oralista, não sabemos até que ponto a criação de turmas exclusivamente surdas poderá isolar ainda mais os



“

Ela era muito engraçada. Quando se fartava de nos ouvir, desligava o aparelho e pronto

Paula Azevedo

”

surdos... Afinal, o mundo que medeia as paredes da escola é ouvinte e (infelizmente) sem domínio da Língua Gestual Portuguesa...”

### Decisões

Quando tiveram de decidir sobre onde colocar as suas crianças, os familiares dos meninos surdos da Escola Conde de S. Cosme apostaram em mantê-los mais próximos de casa, em vez de os enviar para Braga. Ana Serrano realça este ponto como essencial. “Mantê-los no seu contexto de vida normal, com os seus amigos, é um ponto muito positivo. É claro que eles precisam de apoio, mas este pode ser facultado por agrupamentos de referência. Em vez de serem as crianças a deslocarem-se para as escolas de referência, porque não vão esses recursos de apoio para as escolas normais?”

Para a especialista da UM, outro aspecto essencial para o sucesso do exemplo de Famalicão é o facto de a aprendizagem da língua gestual ter sido alargada a toda a turma. “Todos beneficiaram com isto e há aqui um respeito pela língua gestual. É uma mais-valia para todos.”

O Hélder, que tem o implante coclear, tem mais dificuldade em expressar-se por palavras do que o Nuno ou a Sofia. A menina de óculos e rosto simpático tem memórias vagas de como era a sua vida antes da prótese que hoje lhe permite ouvir os colegas. “Lembro-me de a minha avó e a minha mãe chamarem por mim e eu não ouvia. Quando vim para a escola, estava nervosa, porque não pensava que fosse ter amigos ouvintes”, diz. Agora não tem dúvidas de que faz parte do grupo e quando lhe perguntam sobre o futuro e se gostaria de continuar com os mesmos colegas, quando

transitar para o 2.º ciclo, responde calmamente: “Era bom.”

Essa transição é o problema com que pais e professores estão já a lidar. Como será no próximo ano, quando a sala de aula não for já só uma sala e as disciplinas se multiplicarem em espaços diferentes, leccionados por professores distintos. A professora Manuela é cautelosa: “Aqui não há barreiras, as crianças estão mais protegidas. Em relação ao 2.º ciclo estamos a tentar arranjar a melhor solução. Este projecto foi fantástico e uma porta de abertura para um mundo desconhecido para muitos. Os pais têm muita vontade que eles continuem todos juntos, mas a vida é feita por etapas. Vamos ver.”

Ana Serrano não vê motivos para que as crianças não possam continuar a desenvolver o seu percurso escolar umas com as outras, e com a oralidade e a língua gestual a caminharem lado a lado. “Desde que lhes seja facultado o apoio mais específico de que possam necessitar.”

Na sala da turma do 4.º ano, onde andam o Hélder, o Nuno Rafael, a Daniela e a Sofia, há um calendário com os nomes dos meses e os dias da semana em língua gestual. Há também um pequeno horário onde estão afixados os dias e as horas em que os meninos têm terapia da fala. Há recortes de jornais sobre os prémios que a turma venceu graças aos projectos desenvolvidos no âmbito da língua gestual. E há também um bilhetinho que a Mariana escreveu, quando estava em casa, a convalescer da operação aos ouvidos: “Tenho muitas saudades dos 21 especiais. Segunda-feira vou para a escola. Um beijinho da Mariana!!!”

De laço na cabeça, ela já está de regresso e faz o teste ao lado dos outros. Assim, debruçados sobre as folhas, ninguém é capaz de dizer quem ouve ou quem é surdo.